



MINISTÉRIO DA IRRIGAÇÃO

CODEVASF



Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco

PESQUISA

---

O CAMINHO  
DA AGRICULTURA

Eliseu Alves

Pesquisa: o caminho da  
1988 FL-00094

o de 1988



11402-1

PESQUISA

O CAMINHO  
DA AGRICULTURA

Eliseu Alves

Discurso para pesquisadores da EMBRAPA  
por ocasião do recebimento da  
**Medalha Frederico de Menezes Veiga**  
em cerimônia comemorativa dos  
15 anos da EMBRAPA,  
dia 26 de abril de 1988.

Brasília, maio de 1988

---

## Pesquisa

# O caminho da agricultura

---

Recebi a honrosa incumbência e tenho a satisfação de falar em nome dos homenageados. É muito difícil interpretar sentimentos dos outros. E muito mais difícil ainda interpretar os meus próprios sentimentos. O Juliato, um dos três homenageados, foi um grande amigo e a senhora dele está aqui. Realmente, a agricultura do Paraná deve muito ao Juliato. Vimos o que a nossa companheira Maria do Carmo fez no sentido de criar condições para que a pesquisa se desenvolvesse no Brasil. Vejo, nesta cerimônia, a representação de um fato muito simples. Tenho o costume de citar episódios bíblicos, por ser católico praticante e porque acho que têm muito a ver com a vida atual. Todos nós conhecemos o milagre da multiplicação dos pães, realizado pelo Filho do Criador. Na realidade, esse milagre está sendo realizado diariamente, aqui no Brasil, pelos pesquisadores da EMBRAPA e pelos pesquisadores do sistema cooperativo.

Vejamos bem o que **vocês, pesquisadores, estão realizando de bom pelo Brasil.** Posso dizer isto porque tive a felicidade de ser criado por um agricultor avançado, meu tio Antônio. Tive a oportunidade de trabalhar e de ajudar — e meus amigos José Irineu Cabral e Renato Simplício aqui presentes tiveram papel destacado — a desenvolver o serviço de extensão rural no Brasil. Fui diretor da EMBRAPA e seu presidente;

e fiz parte do grupo de sonhadores que, no Rio de Janeiro, receberam do então Ministro Cirne Lima a incumbência de responder a uma pergunta: **“por que, a despeito de existir excelente serviço de extensão no Brasil, a produtividade da agricultura não estava crescendo adequadamente?”**

Fizeram parte desse grupo pessoas como Carlos Langoni, Affonso Celso Pastore, Guilherme Dias e mais um elenco de pessoas que ajudaram a respondê-la. A resposta foi muito simples: nós fizemos, naquela ocasião, uma análise histórica muito detalhada e nenhum país do Mundo foi capaz de ter a produtividade da sua agricultura crescendo de forma auto-sustentada se não tivesse feito investimentos maciços em pesquisa.

Tive oportunidade de passar por todas essas fases na minha vida. Agora, presidindo a CODEVASF, quero dar um depoimento: trata-se de excelente companhia. Não tive a oportunidade de criar **a CODEVASF**. Já a encontrei uma instituição que tem basicamente a mesma idade da EMBRAPA, mas que tem antecedentes na Constituição de 46, como Comissão do Vale do São Francisco.

**É uma excelente empresa, que está realizando importante trabalho para o soerguimento do Vale do São Francisco**; e o seu trabalho depende, basicamente, da capacidade dos pesquisadores do sistema cooperativo que a EMBRAPA lidera; da capacidade desses pesquisadores de multiplicar os pães.

Atendem muito bem para o que está acontecendo no Mundo. **É muito difícil planejar e entender uma agricultura em transição, como é o caso da agricultura brasileira**. Uns, estão apegados à idéia de uma agricultura executada por pequenos agricultores, que não utilizam insumos modernos, que têm a vida livre, que não estão sujeitos às flutuações do mercado internacional, que estão livres das dores de cabeça que o crédito rural tanto causa no Brasil.

Eu assisti, na minha infância, a uma agricultura desse tipo. Nunca ouvi o meu avô falar em “política de preço-mínimo”, nunca ouvi falar que devesse qualquer “dinheiro a banco”. Ele

tinha uma vida tranqüila, poderia dedicar grande parte da sua vida a caçar e a se divertir com os amigos. E a fazenda era uma felicidade geral, inclusive para os trabalhadores que lá moravam. Mas, também, naquele tempo, a agricultura brasileira tinha pequena responsabilidade: alimentar uma pequena população, que na sua maioria morava no meio rural. As crises que aconteceram, inclusive a crise de 1929, que foi seriíssima em todo o Mundo, afetou a nossa agricultura do café, mas não matou ninguém de fome, nem gerou violência nas cidades, porque a maioria da nossa população residia no meio rural.

Os tempos mudaram, os nossos líderes embarcaram o Brasil numa política de industrialização que trouxe enormes benefícios para o País. Mas essa política de industrialização discriminou severamente a agricultura. Colocou a maior parte dos investimentos sociais na cidade. A educação, a saúde, os planos de habitação, salários melhores, os divertimentos, enfim, colocou todas as luzes da cidade a favor da população urbana. A população rural enxergou essas luzes, verificou que a única forma de se ter ascensão social no Brasil era procurando a cidade, e começou a migrar. As migrações foram intensificando-se na década de 40, na década de 50, na década de 60, e atingiram o apogeu na década de 70.

Nós estamos concluindo um trabalho para a SOBER, Sociedade Brasileira para a Economia Rural. E um aspecto está claro: **de 1970 a 1985 a população rural brasileira diminuiu 5,1 milhões de habitantes.** Se a gente calcular a migração admitindo que essa população rural estivesse reproduzindo-se à mesma taxa da população urbana, cerca de 17,8 milhões de pessoas teriam migrado para as cidades nesse período de 1970 a 1985. Cerca de 43,4% da população existente em 1970. Portanto, nesse período de 1970 até 1985 nós assistimos a uma brutal transformação da vida rural deste País. E muita gente não entende isso. **Hoje, a responsabilidade fundamental da agricultura brasileira é alimentar 74% da população brasileira que vive nas cidades,** onde a grande maioria da pobreza rural, pobreza brasileira, se localiza.

A pobreza brasileira, meus companheiros pesquisadores, mudou de endereço: mora, hoje, na cidade. E 80% dos eleitores brasileiros estão nas cidades. Podemos ver que se as cidades já foram capazes de discriminar tão severamente a agricultura até a década de 70, essa capacidade de discriminar em termos de voto aumentou muito mais.

Acontece que hoje temos uma agricultura muito diferente. As crises da época do meu avô, de 1940, não afetavam tão severamente as cidades. Mas as crises de hoje, no caso de a agricultura continuar a ser discriminada vão afetar severamente as cidades. Portanto, a população urbana tem atualmente um entendimento muito maior do significado da agricultura.

O que nós **precisamos ter é a capacidade de fazer essa população urbana e os líderes entenderem que o fracasso da nossa agricultura significará o fracasso de qualquer plano de desenvolvimento no Brasil.**

Os pobres da cidade gastam a maior parte do seu orçamento com a compra de alimentos. Qualquer política de redistribuição de renda estará fadada a não ter nenhum efeito se não incentivarmos a nossa agricultura a produzir mais. Ao distribuir renda, os pobres vão querer mais alimentos. E se não houver resposta adequada da agricultura, os preços vão elevar-se e os efeitos da política de redistribuição de renda serão anulados. Portanto, **todo o objetivo, todo o idealismo, toda a utopia da democracia se desfará em nada, se nós não formos capazes de fazer a produção agrícola aumentar.**

No passado, essa produção agrícola poderia aumentar de várias formas. Ou via aumento da produtividade da terra ou via aumento da fronteira agrícola. Essa fronteira agrícola, hoje, está muito distante. Está situada, principalmente, na Região Amazônica e demanda investimentos pesados e vultosos para ser colocada em produção. Não há como fugir se nós quisermos fazer a produção brasileira crescer, se não incentivarmos o incremento da produtividade dessa agricultura.

Um companheiro de pesquisa, que também já militou na EMBRAPA, o Dr. Guilherme Dias, e que hoje está no Instituto

de Pesquisa Econômica da USP, em São Paulo, fez um trabalho no qual mostrou que **a partir de 1976 não houve incremento de área das principais culturas do Brasil**, à exceção da cana-de-açúcar. No entanto, a produção cresceu mais de 4% ao ano. **Esse crescimento** da produção **foi única e exclusivamente devido ao incremento da produtividade**.

Está claramente demonstrado, nesse estudo, o poder de multiplicação dos pães que os pesquisadores do sistema cooperativo de pesquisa tiveram, têm e terão, no futuro, se Deus quiser, na medida em que eles trilhem o caminho com o mesmo idealismo, com a mesma dedicação que vêm fazendo até aqui.

Mas há outra complicação: é que esse desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo na nossa agricultura não é exclusivo do Brasil. Primeiro, foram os países avançados que multiplicaram por seis a produtividade das suas agriculturas. Estados Unidos, Comunidade Econômica Européia, Japão. Agora, isso está atingindo também os países socialistas. Esse grande movimento de ascensão, de incremento da produtividade.

Há cinco, seis anos, imaginava-se que esse incremento da produtividade dos países avançados iria atingir patamar intransponível, em virtude das limitações biológicas, mas as novas descobertas na área de Engenharia Genética, de Biologia Molecular, mostraram que não há patamar previsível que possamos indicar que seja o limite para o crescimento da produtividade, embora todos saibamos que a Natureza tem os seus limites. Mas esses limites estão muito longe, ainda, daquilo que o Homem foi capaz de conseguir.

Só os governos desses países avançados estão investindo em pesquisa, atualmente, mais de 10 bilhões de dólares. Só os Estados Unidos da América estão investindo 4 bilhões de dólares. Se juntarmos o investimento da EMBRAPA ao dos sistemas estaduais e das universidades, tipicamente em pesquisa agrícola, o Brasil não deve estar investindo 250 milhões de dólares!

A par desses investimentos maciços em pesquisa agropecuária feitos pelos países avançados — ao contrário do Brasil — ao invés de discriminar a agricultura eles passaram a apoiá-la com maciços subsídios. Esses subsídios, em parte, têm uma justificativa: visaram a compensar a enorme transferência de recursos de renda dos agricultores, como consequência da modernização da agricultura.

Nos últimos 40 anos, nos Estados Unidos, os preços de um grande grupo dos principais grãos caíram de 50% e a grande maioria deles caiu de 30%. Portanto, esses 50% de redução de preços ou esses 30%, representaram a transferência de renda dos agricultores para os consumidores.

Esta é a outra faceta extremamente interessante do milagre da multiplicação dos pães, que os pesquisadores são capazes de fazer. A um só tempo eles são capazes de beneficiar os consumidores, principalmente os milhões de consumidores pobres que moram nas nossas cidades, e os produtores.

Mas aqueles países acumularam esses subsídios e, com esses subsídios, países que eram grandes importadores de alimentos tornaram-se grandes exportadores de alimentos. Hoje, quem exporta alimentos no Mundo são os países avançados. Se vocês estivessem aqui em 1930 ou se estivessem em 1940, saberiam que os profetas daquela época não profetizavam que os países industriais iam transformar-se em grandes exportadores de alimentos. Mas a ciência, os maciços investimentos na inteligência humana em pesquisa agrícola mudaram completamente o quadro e transformaram esses países em grandes exportadores de alimentos. A Inglaterra de 40, que importava cerca de 60% das suas necessidades, hoje é uma exportadora líquida. Produz mais carne, em virtude da tecnologia sofisticada, do que a Austrália. É claro que a tecnologia tem muito a ver com isso, mas os subsídios são importantes. Essa tecnologia, apelidada de “revolução verde”, está expandindo-se também pelos países do terceiro mundo, que estão entrando no mercado internacional com novo poder de competição. A China transformou-se em autosuficiente; a Índia transformou-se em autosuficiente e já exporta; O Paquis-



tão começa a exportar. Países que há 10 anos representavam grande ameaça de fome para o Mundo foram capazes de exorcizar o fantasma da fome, investindo maciçamente em pesquisa e irrigação.

Então, do lado do mercado internacional nós temos duas lições: para os produtos que vamos exportar, teremos que enfrentar uma competição cada vez mais dura. E vocês poderão dizer o seguinte: “mas o Brasil pode isolar a sua agricultura do mercado internacional”, no que respeita aos produtos que nós não exportamos. Porém os consumidores urbanos, essa grande massa que tem enorme poder político, não vão aceitar pagar pelos seus alimentos preço superior aos do mercado internacional.

O que acontece lá fora tem efeito no sentido de tornar cada vez mais dura, cada vez mais difícil a competição para exportar e dará um sinal aos formuladores da política agrícola para estabelecer preços internos compatíveis com os preços que estão prevalecendo no mercado internacional.

Portanto, **temos que enfrentar a competição da ciência externa, da ciência dos países ricos e dos países que estão absorvendo a revolução verde, tanto nos produtos de que somos exportadores como naqueles produtos de que somos importadores.** E novamente se destaca o papel dos pesquisadores do sistema cooperativo, dos meus companheiros da EMBRAPA.

Eu sei que não mereço esses aplausos todos que generosamente me dedicaram, porque a EMBRAPA é fruto do trabalho e do idealismo de todos vocês. Tive, apenas, a sorte de ser colocado, naquele momento da história, pelas mãos do Criador, para acompanhar o belo desenvolvimento desta instituição. **Vocês têm, portanto, a grande responsabilidade de fazer com que a multiplicação dos pães coloque a agricultura brasileira em condições de oferecer alimentos ao povo brasileiro, competitivamente com o mercado internacional e, ainda, de exportar mais.**

**Editado pela  
Assessoria de Comunicação Social da CODEVASF  
SGAN Quadra 601 - Bloco "I" - Sala 307  
Fone: (061) 223-8819 — Telex: 611057  
Brasília - DF  
CEP 70.830**

